

O Nosso Civismo, a Nossa Tolerância e a Nossa Esperança

O 7 de Setembro, data da nossa independência de Portugal, nos faz refletir sobre a importância do civismo, sobre o nosso orgulho de sermos brasileiros e o nosso perfil afetivo como povo.

O noticiário dá conta que praticamente em todo o Brasil celebra-se esta data importante para o povo brasileiro. Leitura dos jornais e notícias dos telejornais informam que a população, em grande quantidade, acorre para as ruas e festeja, cada qual da sua maneira, a data em que D. Pedro I, em ato corajoso, gritou o famoso “independência ou morte”.

Quando do grito de independência, a então colônia portuguesa via-se espoliada pelo governo europeu do outro lado do Atlântico, com as lideranças brasileiras urdindo estratégias de libertação daquele jugo. O motivo daquela decisão foi a grande exploração da Corte portuguesa e o sentido de comunidade que se estava criando neste pedaço de mundo.

Ao longo dos anos, estamos conseguindo, como uma Nação inter-racial, desenvolver a consciência de uma comunidade real, embora com dolorosas experiências. Apesar de muitas vicissitudes sociais e políticas, o Povo brasileiro dá sobejos exemplos de solidariedade para com o seu próximo, o que, em outra reflexão, indica que o brasileiro não se vê como tão só um agrupamento de pessoas sob o domínio de uma bandeira. É um orgulho sermos brasileiros. Como sociedade, construímos feitos maravilhosos.

O povo brasileiro se vê como parte de uma sociedade que aponta para o futuro e age com alta afetividade social, o que pode se revelar em uma tolerância extrema com os mais diferentes desvios de condutas sociais.

Por outro lado, o estamento burocrático e político herdado de Portugal, vindo com os primeiros exploradores, ainda viceja de forma descomunal no Brasil. Assim como na época do Império, muitos governantes brasileiros, por má formação ou mesmo por má índole, agem como se o cargo público fosse um benefício a ser usufruído como um direito pessoal, em vez de o considerarem como um verdadeiro encargo pessoal a ser usado em benefício da sociedade.

Essa histórica tolerância social do povo brasileiro acaba se tornando extremamente perversa contra ele próprio na medida em que aceita passivamente que muitas pessoas por ele eleitas, em execrável conluio com grupos que visam lucros individuais, transfiguram o sentido real da política como uma atividade em prol do bem da comunidade.

Assim, muitas vezes acaba-se aceitando a pérfida assertiva de que não importa se o político rouba desde que faça alguma coisa. Nada mais errado do que isso. Nada mais equivocado. Nada mais hipócrita. O que temos que fazer é resgatar, de forma transparente e explícita, o que nossos avós e pais sempre disseram: quem rouba o tostão, rouba o milhão. Nada justifica a corrupção que permeia o tecido social brasileiro, em irreparável prejuízo da comunidade. Horroriza que muitos políticos jactam-se de grandes obras feitas quando, sabidamente, guardam estupendos lucros pessoais dessa empreitada.

Esses recursos públicos desviados significam saúde desassistida, falta de segurança contra a violência, desemprego, educação abandonada e outras chagas sociais.

O movimento contra a corrupção brasileira, realizado no dia 7 de Setembro em muitas cidades brasileiras, é um alento de que reclamamos ser uma comunidade real, com consciência e solidariedade, e não como um grupelho formado por alienados sociais, que muitos desonestos pretendem que assim nos vejamos.

Que tenhamos uma esperança com ação efetiva contra esses desmandos de quem se acha dono do Brasil, e não a esperança de quem espera inerte a situação mudar. As coisas só mudam com a nossa ação real, por meio do verdadeiro sentimento cívico de que somos interdependentes, uns dos outros.

Rômulo de Jesus Dieguez de Freitas
Advogado Tributarista
romulo@maja.net.br